

FÉ: PERSPECTIVA FILOSÓFICA EM FREUD

Gustavo Henrique Santos¹, Evandro Bilibio²

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil
(gustavo.henrique@estudante.uffs.edu.br)

² Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil
(evandro.bilibio@uffs.edu.br)

Resumo: Este trabalho analisa a função da fé em Freud, com base na obra *O futuro de uma ilusão* (1927). O primeiro capítulo discute a definição de fé e seu papel na civilização; o segundo aborda o conceito de ilusão e sua relação com o desamparo humano; o terceiro examina o surgimento do fenômeno religioso e a função da fé na cultura. Nas considerações finais, é mostrado que a fé e crença têm papel central na manutenção da cultura e da civilização.

Palavras-chave: Civilização; Cultura. Fé; Ilusão.

INTRODUÇÃO

Atualmente estamos inseridos em um contexto diverso no que respeito ao nosso comportamento social, bem como a forma pela qual compreendemos o mundo e como nos orientamos para viver. Historicamente temos a participação de diversos agentes construtores da sociedade, como exemplo, as Instituições Religiosas, que desempenharam no passado um papel significativo na construção civilizatória e na busca pela possibilidade de organizar a sociedade.

Na sociedade atual também podemos ver facilmente a presença de questões envolvendo a fé nos discursos políticos, vestígios de uma sociedade que em maior parte de sua colonização teve a Religião católica como contribuinte neste processo. Podemos visualizar os eventos de crença se refletir até os dias atuais e são facilmente encontrados em nossa sociedade, podem ser vistos um grande número de templos religiosos, manifestações culturais, igrejas tanto em grandes centros urbanos quanto no interior, principalmente em locais mais remotos e/ou comunidades religiosas conservadoras tradicionais.

Quando falamos em fé e crença religiosa ou manifestações culturais, temos o cristianismo como referência e temos a tendência de reduzir toda a forma de direcionar o assunto ao mesmo, isso normalmente acontece devido ao fato de que a influência cristã em nossa sociedade é mais dominante e possui maior influência na cultura. O fenômeno da fé está presente em todas as Igrejas e Instituições Religiosas imagináveis bem como fora delas. Mas afinal, qual a origem desses fenômenos? Qual a necessidade do sentimento religioso no indivíduo? E o que são fé e crença exatamente? A filosofia e a teologia entre outras áreas do

conhecimento, buscam abordar e clarificar estas questões. A cada resposta racional, no caso de uma pesquisa como a que estamos fazendo, são criadas novas dúvidas e para atender os objetivos da pesquisa, somos levados a aprofundar a busca de encontrar algumas respostas a essas questões.

Nesta pesquisa, a resposta para questões acerca do conceito de fé, apesar de haver muitas outras possíveis em relação ao tema, será buscada por meio de estudo bibliográfico da obra “O futuro de uma Ilusão” escrito pelo Médico, Psicólogo e fundador da psicanálise Sigmund Freud, o qual realizou estudo aprofundado acerca do fenômeno religioso e tentou entendê-lo por meio da psicanálise. De acordo com Abbagnano (2007) “[...] consiste essencialmente na tentativa de explicar a vida do homem (não só a pessoal ou individual, mas também a pública ou social)[...]”. A partir disso temos como principais questões a definição de fé e crença para o autor, definição e sua compreensão de ilusão, modo na qual a fé e a crença fundamenta a civilização e a cultura.

Sigmund Freud, no século XX, contribuiu significativamente para o estudo e compreensão filosófica acerca da fé e da crença religiosa. Freud, foi um dos grandes nomes na área científica por desenvolver estudos de caráter psicológico para o fenômeno Religioso. Desse modo, os estudos de Freud contribuíram para melhor compreendermos, não somente, os fenômenos da fé e da crença religiosa, mas, ao final, o próprio comportamento moral das pessoas. Assim, o estudo deste tema é de extrema importância para termos uma definição psicanalítica a respeito de tema da fé, com um sentido filosófico, uma visão mais clara do comportamento moral junto as relações desses baseados na fé e na crença para com a cultura e, ao final, a civilização como um todo.



A partir de tais objetivos, no primeiro capítulo, será buscada a definição de fé bem como apontar qual a origem psicológica da religião e crença, trazendo elementos importantes do papel que a religião desempenha junto ao processo de civilização da humanidade. Também a justificativa de se ter um sentimento e uma necessidade de amparo psicológico, o qual se manifesta nas ações e organização social dos indivíduos. O sentimento da fé também será definido como necessidade de seguir regras movidos pelo sentimento de amparo e proteção.

O segundo capítulo busca esclarecer a partir da concepção Freudiana o conceito de ilusão e por qual motivo o autor assim o define. Buscaremos encontrar na obra a relação que o autor faz entre Religião e Ilusão, também buscaremos responder o motivo da Religião ser considerada ilusão para Freud, identificaremos as semelhanças que há entre Religião e Ilusão seguindo a definição de caráter psicoanalítico. Por fim identificaremos a que propósito Freud tem para sanar a necessidade humana de busca por amparo psicológico.

No terceiro capítulo será apresentada a forma em que Freud contextualiza a cultura, a qual entende-se como fator de origem da civilização e a capacidade do homem se diferenciar superiormente ao animal, assunto qual o autor apresenta nitidamente em sua obra. Também será buscado apontar a necessidade da construção da cultura, também se apontará como está organizada e seus propósitos.

A justificativa de realizar estudo acerca do tema da fé e crença a partir do âmbito filosófico e psicológico, será refletirmos acerca de nossa própria cultura, entendermos como estão construídos nossos comportamentos morais dentro da sociedade e construirmos uma crítica a respeito de tal compreensão. A problemática do assunto pode permitir que tenhamos uma visão mais clara e objetiva acerca do fenômeno da fé e contribuir para uma sociedade mais analítica e reflexiva.

A temática da fé também surge da necessidade de termos uma definição psicanalítica para o tema. Com isso será possível compreendermos os fenômenos de fé utilizando a perspectiva da ciência psicanalítica, para clarificar, problematizar as definições encontradas. Por fim ressaltar uso da ciência para controle impulsional e sentimentos como um todo.

DEFINIÇÃO DE CRENÇA E FÉ

Existem vários fatores que podem orientar nossa forma de agir, pensar e compreender o mundo dentro da sociedade e mesmo fora dela, estes podem estar relacionadas a impulsos biológicos, sentimentos e razão o qual necessita controle. A fé e a crença religiosa, como um desses fatores, neste caso acabam

tendo um papel fundamental na construção das sociedades e contribuindo para manutenção de nossas ações, tal qual pensa Freud.

Considerando que o significado da palavra fé está diretamente vinculado à Religião e Crença para Freud, iniciamos nosso trabalho trazendo a definição de fé a partir da concepção Freudiana. A definição que será apresentada do conceito de fé será limitada a outras fontes ou áreas do conhecimento e será concentrada majoritariamente em Sigmund Freud, cujo autor é alvo de nossa pesquisa, apesar de que há uma importância necessária de consultar outras fontes, respeitaremos a amplitude do tema, seguiremos com nosso objetivo e metodologia proposta no início da pesquisa.

A definição de fé para Freud apesar de nos mostrar logo de início em um caráter um tanto negativo e de difícil compreensão, foi possível obter no decorrer do trabalho uma definição em um sentido bastante positivo e necessário para a vida humana, apesar de haver duras críticas do autor, seu fundamento justificam as críticas e traz uma definição de caráter psicológico.

Com respeito à fé e à crença que a partir de agora será analisada como resultado da cultura, ficará mais claro, no desenvolvimento deste trabalho a necessidade da existência da crença e religião na vida do ser humano a partir da perspectiva freudiana.

Na obra estudada de Freud não há uma separação clara entre Fé e crença, por isso trataremos no decorrer da pesquisa como sinônimos. O termo fé será majoritariamente mencionado como manifestação de sentimentos, o qual manifesta-se na nossa cultura, na nossa forma de agir e compreender o mundo. Ao final todas essas ideias de crença merecem ser substituídas pela Psicanálise, forma racional de entender e controlar os sentimentos, conforme a proposta Freudiana.

A crença no sentido de dominação tida em Freud, refere-se a sua concepção de que o ser humano precisa de controle de seus sentimentos internos do corpo. Freud não manifesta em nenhum momento na obra estudada que a religião teria a função de dominação política, mas refere-se a ela como principal reguladora das ações dos indivíduos. O controle das ações dos indivíduos será apresentado mais claramente no capítulo, “Base e Fundamento da Civilização e Cultura”.

De acordo com Freud (1996) alguns dos objetivos da crença era de elevar o espírito humano, a alma que seria mais importante do que o corpo, assim os acontecimentos eram entendidos como de responsabilidade de um ser superior que faz apenas o bem, protege o ser humanos dos perigos da natureza e que todo mal sofrido será recompensado depois da morte. Diferentemente da Ciência que se pode



comprovar as afirmações estudadas, para Freud a crença é isenta de dúvidas ou até mesmo a negação da dúvida, as comprovações eram mal vistas e punidas severamente.

De acordo com Freud (1996):

Quando perguntamos sobre o fundamento da pretensão de que se acredite nelas, recebemos três respostas que se harmonizam notavelmente mal entre si. Em primeiro lugar, merecem crédito porque nossos ancestrais já acreditavam nelas; em segundo lugar, possuímos provas que nos foram transmitidas precisamente dessa época antiga, e, em terceiro lugar, é absolutamente proibido questionar essa comprovação. No passado, esse atrevimento era punido com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade vê com desgosto que alguém o renove.

O ideal religioso mostra-se com o objetivo de prezar pelo bem de todos, são ideias que não necessitam comprovações racionais, pois já é dada a informação para o aceite de todos. Nas afirmações acima de Freud, temos uma compreensão que a Religião, que neste caso refere-se a todas as religiões, apresentam em seus ideais o além do sentimento de amparo e proteção como uma forma de regras de comportamento que trazem consigo ideais fortes para justificar as punições de desrespeito.

Percebe-se que ao mesmo tempo que à religião era protetora do homem contra a natureza, ou o seu estado natural, também era punitiva, usava de outros meios para fortalecer suas mensagens transmitidas e, por fim, conseguir mais aceitação. O que também é possível encontrar em Freud é que, o seu uso psicanalítico para explicar o conceito da crença irá desde as mais diversas culturas até as origens mais antigas de nossos antepassados.

A crença a qual buscamos definir está ligada a Religião enquanto instituição e como manifestação cultural, ao que parece estar o tempo todo presente na vida humana civilizada, regendo o comportamento e oferecendo a segurança necessária para enfrentar os perigos do mundo. Mas a que perigos a humanidade teria de enfrentar e que justifica a origem da fé nas ideias religiosas?

A partir da concepção Freudiana a origem psicológica das ideias religiosas surge a partir de um sentimento de desamparo paterno humano, justificativa da ideia de ilusão pela crença, associando ao desamparo humano e a incapacidade vivenciada dos filhos pela ausência da proteção e referência paterna.

Sobre a origem da necessidade psicológica da religião, (Freud 1996) afirma que:

Assim, o motivo do anseio pelo pai é idêntico à necessidade de proteção contra as consequências da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil empresta seus traços característicos à reação contra o desamparo que o adulto é forçado a reconhecer, reação que é precisamente a formação da religião.

Primeiramente, este fator acontece por meio das que mães são os objetos de amor que podem trazer satisfação aos seus bebês, mais tarde, porém, ela é substituída por um pai que é mais forte, que desempenhará esse papel ao longo da infância da criança. Essa relação com o pai será caracterizada por uma mentalidade ambivalente.

Ele será odiado por interferir no relacionamento da criança com a mãe e admirado por seu poder e capacidade de trazer uma sensação de segurança para a criança - ela reconhecerá o apoio necessário na imagem de seu pai para protegê-la, os quais se ajudarão sob as circunstâncias mais difíceis.

Vejamos que a resposta que temos é de viés psicológico, por isso vamos a partir dessas afirmações entender que estes desamparos se tornam uma ferramenta para a criação de uma crença religiosa que traga alívio e conforto sentimental para os problemas vivenciados, que para Freud (1996) são sentimentos difíceis de lidar, o homem, mesmo que na fase adulta, tem muita dificuldade em assumir as responsabilidades da sua existência.

Essa afirmação reforça algumas relações com a origem da crença religiosa. Freud (1996) argumenta que:

Não é difícil encontrar essas ligações. Elas consistem nas relações entre o desamparo da criança e o desamparo do adulto, que é continuação daquele, de modo que, como seria de se esperar, a motivação psicanalítica para a formação da religião se transforma na contribuição infantil à motivação manifesta dessa formação. Vamos nos colocar na vida psíquica da criança pequena.

Isso significa que quando o ser humano passa para a fase adulta, o mesmo percebe que sua vida ainda é uma fonte de confrontos e dificuldades, a situação diante dele ainda é frágil e o sentimento de desamparo se intensifica. No entanto, ao contrário de uma criança, um adulto agora percebe que ele e seu pai não tem o poder irrestrito que ele uma vez imaginou. Por isso Freud vai justificar a necessidade



da busca de um Deus que tenha esse papel e poder supremo, trazendo o alívio necessário, por meio de uma crença que o conforte psicologicamente.

A imagem de Deus mostra-se como uma forma pura de amor, assim como aquele da criança para com seu pai. Deve-se ressaltar que o desamparo da criança experimentado em primeiro momento da vida é a fonte psicológica dos conceitos religiosos e está primeiramente conectado com as necessidades da proteção e amor de seu pai.

Sobre a necessidade de Deus, Freud (1996) diz que:

Já sabemos que a apavorante impressão do desamparo infantil despertou a necessidade de proteção – proteção através do amor, que é satisfeita pelo pai; a percepção da continuidade desse desamparo ao longo de toda a vida foi a causa de o homem se aferrar à existência de um outro pai – só que agora mais poderoso.

Diante do exposto, entende-se que a criação de uma instituição religiosa se justifica por sua função de responder ao desamparo humano, oferecendo amparo e uma base para uma vida mais harmoniosa e tranquila.

Na justificativa dessa ideia, Freud (1996) ressalta que:

Através da ação bondosa da Providência divina, o medo dos perigos da vida é atenuado; a instituição de uma ordem moral universal assegura o cumprimento da exigência de justiça que com tanta frequência deixou de ser cumprida na cultura humana; o prolongamento da existência terrena através de uma vida futura prepara o quadro espacial e temporal em que essas realizações de desejo devem se consumir. As respostas de questões enigmáticas para a curiosidade humana, como as da origem do mundo e da relação entre o físico e o psíquico, são elaboradas sob os pressupostos desse sistema; para a psique individual, significa um imenso alívio que os conflitos da infância que se originam do complexo paterno, nunca inteiramente superados, lhe sejam tomados e levados a uma solução aceita por todos.

Neste sentido, o próprio Freud defende a ideia de que o ser humano necessita de algo para depositar sua confiança, por isso que se deve a crença resolver esse problema trazendo todas as respostas que precisamos e o conforto psicológico necessário. A busca

incansável de amparo psicológico se trata de um sentimento muito antigo que a humanidade busca satisfazer.

Com isso Freud esclarece que as instituições religiosas criam ideias que servem para dar força e sustento e amparo aos homens. O que Freud considera ser o elemento que permite as pessoas acreditar nas ideias, independente delas serem ou não compreensíveis, nos trazem o sentido e a necessidade da fé. Mas o que são as ideias criadas pela Religião a qual tomamos por fé?

Como se pode saber, as Religiões prezam pelo bem comum de todos e Freud está de acordo com isso. A partir do que Freud chama de significado psicológico das ideias Religiosas, podemos de melhor forma definir o que é a fé para ele.

Dessa forma Freud (1996) afirma que:

[...]as ideias religiosas são proposições, são enunciados acerca de fatos e circunstâncias da realidade externa (ou interna) que comunicam algo que o indivíduo não encontrou por conta própria, e que reivindicam que se creia nelas. Visto que informam sobre aquilo que mais nos importa e mais nos interessa na vida, elas gozam de alta consideração.

Compreende-se então que a fé é uma sabedoria difícil de explicar, mas que tem um objetivo muito específico, prezar pelo nosso bem, trazer respostas para as mais dúvidas e oferecer segurança para as incertezas que se pode ter. Logo, podemos então nos interessar em saber de onde provém a origem destas ideias? Como seria a fé Religiosa na figura de um Deus?

Quando Freud dá a resposta a origem da crença, assim como as demais aqui presentes são de caráter psicológica, por isso ele diz que a fé tem origem psicológica, pois a seu ver, estão em nossos desejos mais profundos e principalmente o desejo de proteção. Para solucionar os problemas difíceis que a racionalidade humana não consegue resolver, é então recorrido a uma fé, que estaria na figura de Deus e junto a ele estaria todas as respostas que precisássemos.

De acordo com Freud (1996) podemos apontar que a qualidade de Deus é “a sabedoria superior que dirige essa evolução, a infinita bondade que nela se expressa, a justiça que nela é levada a cabo – tais são as qualidades dos seres divinos que também nos criaram e criaram a totalidade do mundo.”. Pode-se imaginar que para Religião só é possível se manter com força e com controle de regras quando se faz concílio dos desejos humanos a maior das divindades possíveis. Freud (1996) ressalta: “Tudo que acontece



neste mundo é a realização dos propósitos de uma inteligência superior que, mesmo por caminhos e descaminhos difíceis de entender, acaba por guiar tudo para o bem, ou seja, para a nossa satisfação.”.

Outro ponto que Freud tenta justificar é de que a fé dentro da religião traz respostas para o conforto humano e que a ciência, mais precisamente a psicanálise, tem muita dificuldade em responder, mas que as religiões têm muita facilidade em fazer. De acordo com Freud (1996) “As respostas de questões enigmáticas para a curiosidade humana, como as da origem do mundo e da relação entre o físico e o psíquico, são elaboradas sob os pressupostos desse sistema [...]”. Com essa circunstância temos então respostas provindas das ideias religiosas que respondem a várias questões que a ciência tenha dificuldade em entender.

O que percebe-se em Freud é uma preocupação com a questão de fundamento racional por trás das ideias religiosas, por não encontrar fundamento e apresentar muitas dúvidas, mesmo tendo ideais muito bons, ele decide colocar suas principais críticas em cima disso. Além do mais, Freud tenta desconstruir a crença religiosa por meio de esclarecimentos científicos e sugerir seu desligamento com a cultura.

Ao longo da história, a compreensão da função da fé e da crença na sociedade teve mudanças, assim como a cultura popular a qual vamos abordar mais adiante, o desenvolvimento da ciência, a valorização da razão e o pensamento científico. Todavia, o estudo do fenômeno da fé e da crença ficaram restritas ao ambiente das Instituições religiosas e no cristianismo. No entanto, ainda há manifestações da fé presentes em nossa cultura, a qual pode ser encontrada em diversas civilizações existentes.

É a fé que suprime o impulso antissocial natural da humanidade. Ataques à religião são apoiados pela ideia de que o senso de desamparo e vulnerabilidade das pessoas permitirá que a religião seja mantida. Por causa dos sentimentos ingênuos óbvios, as crenças das pessoas sobre sistemas irracionais, improváveis de realidade, existirão. A religião, como foi então definida, “a neurose obsessiva universal da humanidade”, comparada a “um sistema de ilusões de desejo com recusa da realidade”, por fim defendida a necessidade de “processo de crescimento, e que nos encontramos nessa fase de desenvolvimento” (Freud, 1996).

A partir do exposto acima, compreende-se que a fé é usada para pelas Religiões e pela Cultura Humana para se manter e possibilitar a civilização. Por esse motivo podemos encontrar vestígios de diferentes tipos de fé em nossa sociedade, umas ligadas aos desejos humanos e outras pela necessidade de viver em coletividade de forma civilizada. Alguns ideais que podem ser herdados de religiões são o desejo de

viver em harmonia com os demais, respeito entre membros etc.

Com isso compreendemos a fé e a crença até o momento na perspectiva de Freud, fundamentam-se em um sentimento ilusionário, o qual daremos mais detalhes no capítulo a seguir, que foi criado com o propósito de possibilitar a civilização pessoas, e que, portanto, devido a isso na perspectiva Freudiana deve ser reconstruída a partir de estudos racionais, fazendo uso da ciência.

DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE ILUSÃO

Destacamos que para a compreensão freudiana de religião e fé, há grandes críticas apresentadas pelo autor à religião, sendo que o mesmo acaba se referindo a crença e fé como ilusão. Freud não afirma em nenhum momento a não existência de Deus, mas deixa claro que a figura de pai supremo é apenas uma imagem criada pelo homem para se sentir seguro diante das inseguranças da vida. Nesta parte da pesquisa é que investigamos com mais detalhes o significado psicológico para a palavra ilusão.

Segundo Freud (1996) as crenças tanto em religiões quanto fora delas, têm origem nos desejos de amparo psicológico mais antigos que a humanidade ainda anseia em ter. Freud afirma sobre as crenças religiosas que “todas são ilusões”. Porém há uma necessidade de entendermos, o que é ilusão para ele? A que se deve esta definição e por qual motivo assim o fez?

O significado de ilusão para Freud, provém de uma definição psicanalítica, para chegar a essa concepção, o autor precisou ter uma outra perspectiva de análise. Ao comparar a crença religiosa com a racionalidade presente na ciência, tem-se como resultado o sentido ilusionário. A partir disso passa a caracterizá-la:

De acordo com Freud (1996)

É característico da ilusão o fato de derivar de desejos humanos; nesse aspecto, ela se aproxima da ideia delirante psiquiátrica, mas, abstraindo da complicada construção desta, também dela se diferencia. Destacamos como essencial na ideia delirante a contradição com a realidade; a ilusão não precisa ser necessariamente falsa, quer dizer, ser irrealizável ou estar em contradição com a realidade[...] uma crença de ilusão quando se destaca em sua motivação o cumprimento de desejo, ao mesmo tempo em que não levamos em conta seu vínculo com a realidade, exatamente do mesmo modo que a própria ilusão renuncia a suas comprovações.



Para sustentar a ideia de que as crenças religiosas são a prática dos desejos de amparo, são ilusões, Freud (1996) diz que o ser humano diante das dificuldades da vida, anseia por uma proteção e por isso cria algo para depositar confiança e sentir mais seguro. Além de ser considerada ilusão, as ideias de religião também levantam muitas dúvidas, pois Freud as considera que, não são bem fundamentadas e quando se compara com as descobertas atuais da ciência é possível encontrar muitas contradições. Para desvendar as concepções religiosas duvidosas, Freud propõe-se em desvendar os motivos por trás das afirmações religiosas.

A partir do estudo feito até aqui, é possível vislumbrar que a crença e a fé são consideradas por Freud como ilusão, mas isso não é apenas um erro humano, para ele há uma diferença, pois de acordo com Freud (1996) “É característico da ilusão o fato de derivar de desejos humanos; nesse aspecto, ela se aproxima da ideia delirante psiquiátrica[...]”. Compreende-se então que quando se tem um sentimento de crença que desconsidere aspectos da realidade, que visa apenas atender as necessidades próprias de amparo, para Freud surge a necessidade de colocar uma outra perspectiva de análise, a psicanálise.

Freud busca caracterizar a crença como ilusão quando, a partir da ciência, relaciona os pensamentos que o indivíduo tem quando deposita sua crença motivado pelos seus desejos e sentimentos interiores do corpo. Tais desejos podem ser o de conquistar algo bom, possuir certas coisas, tornar-se melhor perante o mundo, principalmente pois a mesma acaba desconsiderando os aspectos da realidade. Para Freud, as ideias de fé e crença que a religião traz às pessoas por apresentar um conforto psicológico, se aproxima de “ideias delirantes”, que segundo ele isso não passa de uma ilusão.

Outro ponto importante é que também ao fazer uma relação entre o desenvolvimento da Religião com o desenvolvimento infantil. Freud (1996) reconhece que a criança não consegue passar por essa fase sem passar por uma fase de neurose, isto acontece devido ao fato de que, ela não consegue pelo trabalho intelectual reprimir exigências inúteis que são geradas pelo medo encontrado durante o processo de desenvolvimento. No entanto, a questão feita é que, se não é possível evitar neuroses, a religião também não poderia deixar de ser.

Percebe-se então que dado os argumentos acima, principalmente para a psicologia, é compreensível que na visão psicanalítica tenha-se esta posição em relação às ideias da crença religiosas e conceituá-la como ilusão. Portanto, considera-se que o ser humano possui uma fragilidade psicológica e que depende de uma segurança externa para enfrentar as

dificuldades da vida complexa que existe. Outra questão feita é, pode ser encontrada essa tal segurança? Segundo Freud, seria possível encontrar uma solução que não seja na Religião? Então Freud apresenta uma possível solução com o uso da inteligência, da razão e do conhecimento científico o qual abordaremos adiante.

No capítulo a seguir, busca-se encontrar a definição psicológica da fé para a origem da crença na Religião e as manifestações da mesma na cultura. Trataremos as principais concepções freudianas que respondem os fatores de origem e da necessidade da crença a partir da análise da cultura. Também em conformidade com o tema, buscará justificar a necessidade da submissão as regras para com a civilização. Contudo, apontar a fé como base e fundamento da cultura e civilização caracterizando sua principal função encontrada em Freud.

BASE E FUNDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Para adentrarmos a tais questões, faremos assim como Freud fez em sua obra “*O futuro de uma ilusão*”, ou seja, apresentaremos o tema da cultura relacionando com a construção da civilização. Pois como é possível comprovar historicamente, as condições dos humanos antes da civilização eram consideravelmente diferentes do que conhecemos atualmente, e, em função disso é necessário contextualizar.

Quando se pensa em um mundo antes da civilização, pode-se então relacionar tanto a vida animal que age apenas seguindo seus instintos, ou, no estado de natureza, que consiste basicamente na ausência de leis que regulam o comportamento Humano e, como resultado disso, tudo então é permitido. Nesse sentido se refere a todas as coisas que o ser humano possa fazer para satisfazer seus desejos.

Para Freud (1996) a civilização é por consequência tudo aquilo que nos distancia do animal em condições superiores fazendo uso da razão. Além do mais, Freud escreve que a cultura atende as necessidades humanas de interagir com a natureza, mas com um certo controle:

Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis. (Freud, 1996).

Em função disso, a capacidade do ser humano em dominar a natureza acontece pelo fato do homem ser



pensante e capaz de construir comportamentos e evoluir de forma humana. Portanto, a perpetuação da religião através das instituições teria por objetivo regular o comportamento humano, a qual pode, em ocasião da necessidade atender os impulsos internos, impor leis morais e assegurar que a civilização aconteça. E, segundo Freud (1996) a cultura historicamente esteve presente, em todos os momentos do desenvolvimento da civilização Europeia. Esta função e ou papel da crença dentro da constituição da civilização espalhou-se, segundo Freud, por muitos países, pois a civilização Europeia e, consequentemente, sua cultura, serviram de modelo, base, fundamento e, ao final, orientação, para a constituição de todos os demais países e seus processos civilizatórios internos.

No entanto para Freud (1996) as civilizações exigem certo encargo das pessoas muito alto se comparados aos benefícios que ela possibilita. Esta desproporção dá-se na medida em que a regra impede que a satisfação do desejo impulsional e por consequência a felicidade por trás dessa ação, algo que se realizado seria prejudicial ao desenvolvimento da civilização. “É notável o fato de os seres humanos, por mais que não possam viver em isolamento, considerarem opressivos os sacrifícios que lhes são exigidos pela cultura com o propósito de possibilitar uma vida em comum.” (Freud, 1996). A cultura, para Freud, entra nesse esquema como uma forma necessária de contrabalancear o que se quer, com o que se é, ou seja, o ideal com o natural. A cultura que se expressa na civilização é o palco onde homens renunciam a impulsos antissociais, a sua libido e, portanto, aquilo que o faz feliz.

Por trás dessa ideia está a convicção e compreensão do ser humano como alguém que busca, de forma natural e espontânea, apenas satisfazer suas necessidades, desejos, impulsos etc. Pois, para Freud, a natureza mesma não oferece restrições, porém nos traz consequências em longo prazo e é por isso que a natureza é vista, também, como ameaçadora. De acordo com Freud (1996) neste aspecto o ser humano estaria próximo ao animal que busca apenas satisfazer suas necessidades básicas e agir por livre vontade. Cabe aqui questionarmos então, quais seriam a importância de se criar uma cultura religiosa e uma crença para restringir as ações humanas?

Freud (1996) então explica:

Caso imaginemos suas proibições abolidas, alguém pode, então, escolher para objeto sexual qualquer mulher que lhe agrade; pode matar seu rival, ou quem mais estiver em seu caminho, sem o menor escrúpulo; pode, também, tomar qualquer bem do outro sem lhe pedir permissão[...] Qualquer outro tem exatamente os mesmos desejos que eu,

e não me tratará com mais consideração do que eu a ele.

Essa passagem deixa claro que seria catastrófico pensar nesta possibilidade. O próprio Freud, quando analisa o ser humano a partir da capacidade de se distanciar do animal, fazendo o uso da racionalidade, apresenta a religião como propulsora na luta contra esse problema. Freud (1996) ainda afirma que: “Uma cota de privações lhe é imposta pela cultura de que faz parte; outra porção de sofrimento lhe é causada pelas demais pessoas, seja a despeito dos preceitos da cultura, seja em consequência das imperfeições dela.”

Tem-se em mente que as regras de comportamento eram criadas no intuito de construir no homem o sentimento de amor e respeito uns aos outros. A partir disso consequentemente essa forma constrói-se e possibilita que os homens controlem seus sentimentos naturais de satisfazer seus desejos e passa-se a viver em um ambiente de harmonia.

Pensa-se também na implicação de um mundo no qual não houvesse agentes civilizatórios ocupando a função na construção e manutenção da cultura, bem como a religião neste caso, indaga-se então neste momento, a que ponto chegaria à disputa de interesse dentro do estado natural? Poderia chegar a um nível de extinção da humanidade, caso o desejo de matar não fosse controlado? Do contrário seríamos capazes de controlar nossos impulsos sem a existência de regras? Tais questões servem para refletirmos sobre a consequência que teve a existência do fenômeno Religioso no mundo.

De acordo com Freud (1996) apesar da cultura religiosa que era criada, ter consigo uma arma grande de controle, a fé e crença foram um meio criado para garantir que o homem agisse de acordo com as restrições impostas pela religião, pois lhes era garantido uma vida melhor.

Por isso Freud (1996) nos diz que havia recompensa para quem seguisse as leis estabelecidas:

Todo o bem acaba por receber a sua recompensa, todo o mal a sua punição – se isso não acontece já nesta forma da vida, acontecerá nas existências posteriores que começam após a morte. Desse modo, todos os pavores, sofrimentos e rigores da vida estão destinados à extinção; a vida após a morte, que continua a nossa vida terrena assim como a parte invisível do espectro se une à visível, traz toda a completude de que talvez tenhamos sentido falta aqui.

Quando Freud caracteriza o conceito de cultura, em sua obra, acaba-se entendendo assim como ele, da



necessidade de haver cultura. Fica claro que em um grupo humano não civilizado, as ações dos indivíduos não possuem restrições, no entanto na medida em que há conflito de interesses, certamente isso constrói problemas sociais. A grande pergunta seria quais desafios a cultura teria de assumir para resolver tais problemas?

A partir da análise de Freud sobre a necessidade de que é preciso controlar os desejos internos, ou como Freud chama de pulsão do corpo, cujo termo é usado em sua explicação dos fenômenos internos incontroláveis. De acordo com Abbagnano (2007):

[...]nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.

Necessariamente, os seres construtores da cultura tinham uma missão a cumprir, visto que “em todo os homens há tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais” (Freud, 1996). Era preciso que a cultura imposta aos homens fosse de fato abrangente, que não lhes causasse descontentamento e que houvesse uma forma de buscar o bem comum de todos.

Para Freud (1996) a sociedade tem a função de ser a base a partir da qual será formada a civilização. Para isso acontecer, é necessário que alguns requisitos sejam atendidos: o desejo de saber, conhecer e dominar a natureza. A crença religiosa neste contexto deve contribuir para isso, pois a mesma exerce uma função na forma de domínio, diferente do domínio do homem sobre os objetos físicos, sobre a natureza. Essa função da crença que se explicita através de um domínio ocorre no âmbito da psique (psyché), ou seja, um domínio psicológico. Neste caso, refere-se a alma ou consciência (Abbagnano, 2007).

Segundo Freud (1996) a tarefa da cultura é difícil, pois é preciso que os líderes já tenham conseguido superar seus próprios desejos impulsivos, tenham também inteligência para buscar soluções e que sejam exemplos aos demais. Dessa forma com o auxílio de líderes contribuiria com a permanência da cultura.

Freud ainda ressalta que há uma forma de recompensa para quem se submete as regras da cultura. A tarefa de controlar os impulsos pode ser difícil, privar-se da felicidade na satisfação das pulsões gera sofrimento, mas também há uma satisfação narcísica no sujeito que permite contrabalancear com uma recompensa pelo esforço. (Freud, 1996) diz que “A satisfação narcísica obtida

do ideal cultural também está entre aquelas potências que se opõem com êxito à hostilidade dirigida à cultura dentro do círculo cultural.” Esta seria uma das fontes motivadoras contribuintes com a civilização. Mas como se dá este processo? Quais foram fatores que causaram a necessidade de cultura civilizatória e construção da figura religiosa?

É da necessidade de construir a civilização que se cria a religião/crença e fé, um longo período de regras instituídas que se é exigida seguir, para um bem comum e que se reflete até os dias atuais. Em Freud o homem busca controlar-se em seus desejos internos e por isso justifica sua criação. Freud (1996) diz:

Cria-se assim um patrimônio de ideias, nascido da necessidade de tornar suportável o desamparo humano e construído com o material de lembranças relativas ao desamparo da própria infância e da infância do gênero humano. É claramente reconhecível que esse patrimônio protege os homens em dois sentidos: dos perigos da natureza e do destino, e dos danos causados pela própria sociedade humana.

A partir das ideias Freudianas expostas, compreende-se que não podemos viver sem regras, não podemos viver sem cultura e tão pouco sem uma crença religiosa.

A um dado momento a cultura precisa reforçar a fé para se preservar e por conseguinte possibilitar a civilização, que necessariamente fortalecerá a fé e por fim manter-se em estado de ciclo. Todas foram importantes, independente das contradições geradas em comparação a metodologia de estudo freudiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou encontrar a definição do conceito “fé” no estudo da obra “*O futuro de uma Ilusão*”, bem como manifestar uma perspectiva filosófica, os conceitos encontrados na obra e compreender o significado psicológico por trás das definições. Com isso preocupamos em apresentar as definições e comentá-las a partir do ponto de vista filosófico e assim compreendermos nosso comportamento diante da sociedade.

Nossa cultura é bastante diversa, atualmente, ao redor do mundo, com o uso de tecnologias, podemos facilmente encontrar esta diversidade cultural. No contexto atual, é possível visualizar nas culturas e civilizações, que, há fortes indícios de que em cada cultura preserva comportamentos morais que zelam pela boa convivência, mesmo não sendo praticados dentro de uma religião, estão se mantendo fortes.



A fé e crença são tidas como sinônimas a partir da concepção Freudiana estudada, e por isso não há distinção. O que percebe-se ao longo da pesquisa é que a fé dentro de nossa sociedade ocupou e ainda ocupa um papel fundamental na preservação e manutenção da civilização. Por meio da fé, crenças intituladas “obsessivas” e “ilusão” por Freud, permitem que as pessoas seguissem amparadas e estando seguras, lutassem contra seus próprios impulsos.

A fé Religiosa produz um sentimento positivo que possibilita vivermos de forma civilizada, pois seus ideais prezam pelo bem e pela boa convivência. O resultado disso é que a civilização precisa reforçar a fé para se manter no estado de controle social, na ausência da mesma, temos o caos, a desordem, a volta ao estado primitivo da humanidade. A partir disso observa-se a necessidade de reforçar e preservar a fé, pois a mesma “é a base da cultura e civilização”, de acordo com Freud.

Nossa cultura é bastante diversa, atualmente, ao redor do mundo, com o uso de tecnologias, podemos facilmente encontrar esta diversidade cultural. No contexto atual, é possível visualizar nas culturas e civilizações, que, há fortes indícios de que em cada cultura preserva comportamentos morais que zelam pela boa convivência, mesmo não sendo praticados dentro de uma religião, estão se mantendo fortes.

A fé e crença são tidas como sinônimas a partir da concepção Freudiana estudada, e por isso não há distinção. O que se percebe ao longo da pesquisa é que a fé dentro de nossa sociedade ocupou e ainda ocupa um papel fundamental na preservação e manutenção da civilização. Por meio da fé, crenças intituladas “obsessivas” e “ilusão” por Freud, permitem que as pessoas seguissem amparadas e estando seguras, lutassem contra seus próprios impulsos.

A fé Religiosa produz um sentimento positivo que possibilita vivermos de forma civilizada, pois seus ideais prezam pelo bem e pela boa convivência. O resultado disso é que a civilização precisa reforçar a fé para se manter no estado de controle social, na ausência da mesma, temos o caos, a desordem, a volta ao estado primitivo da humanidade. A partir disso observa-se a necessidade de reforçar e preservar a fé, pois a mesma “é a base da cultura e civilização”, de acordo com Freud.

A fé que nos parece a partir de Freud, quando ele o define como “base da cultura e civilização”, pode-se então ter uma certa dimensão da grandiosa função que a fé ocupou e vem ocupando. Agora quando pensamos na ausência da fé religiosa ocupando o seu papel, acabamos fazendo as seguintes questões. Seria possível termos conquistado uma civilização sem a

presença da fé e da Religião? Na ausência de levado a si mesma em um nível de extinção?

Quando se pensa em substituir a fé como base da cultura e civilização para substituí-la pela ciência, é difícil pensar em não utilizar a fé neste processo. A partir do exposto em Freud, notamos que sua perspectiva é de não sermos controlados pelos nossos sentimentos e passarmos a controlar nossos sentimentos pelo uso da razão. Freud (1996) diz:

É de se acreditar que teria de ser possível uma nova regulação das relações humanas que fizesse secar as fontes do descontentamento com a cultura, na medida em que esta renunciasse à coerção e à repressão dos impulsos, de modo que os homens, sem serem perturbados por disputas interiores, pudessem se dedicar à obtenção de bens e ao seu usufruto.

Mas ao fazermos isso não estamos sendo movidos por um sentimento? Certamente sim, mas para Freud há uma diferença entre ser movido por um sentimento “ilusionário” de um sentimento racional de satisfação dos desejos. Freud, para reforçar a substituição da crença religiosa pela ciência refere-se a mesma como ficção, que partindo da realidade, cria respostas e cenários que se desprendem da mesma.

Para a relação com a ficção, Freud (1996) ressalta que:

Ela afirma que em nossa atividade intelectual abundam suposições cuja falta de fundamento, cujo absurdo até, reconhecemos inteiramente. São chamadas de ficções, mas, por variados motivos práticos, teríamos de nos comportar “como se” acreditássemos nelas. Tal seria o caso das doutrinas religiosas em razão de sua incomparável importância para a conservação da sociedade humana.

Nossas ações são movidas por sentimentos e Freud está de acordo com isso, o qual pode ter uso da ciência ou não. Considerando que para Freud a ficção nas ideias religiosas é tratada como desconectada da realidade e com o propósito de atender aos desejos profundo do corpo, nos faz lembrar da ficção científica que por sua vez também parte de uma realidade, mas que criam ideias que se desprendem da realidade e atende a um desejo profundo. Em relação a isso, poderíamos então comparar a proposta freudiana de tratar dos malefícios da fé pela psicanálise com a ficção científica? Colocar a ciência como base da cultura e civilização não seria apenas um desejo profundo?



O questionamento levantado a Freud é uma forma de usar a ciência para melhor compreender e na medida do possível, contribuir com a mesma. O próprio Freud quando apresenta sua proposta de substituir a fé pela ciência cede a palavra a seu interlocutor frequentemente permitindo que as opiniões opostas se manifestem e dessa forma considerar os demais pontos de vista. Isso é fazer bom uso da ciência.

Devido a limitações da pesquisa, não foi possível sanar todas as questões que foram surgindo durante a pesquisa. Isso também se deve ao respeito pela amplitude do tema, que necessita continuidade. No entanto, é de suma importância reforçar a ideia que Freud propôs na obra estudada, fazer uso da ciência para se libertar de “fantasmas ilusionários” e assim permitir a evolução da cultura.

Outro ponto a ressaltar que para Freud, o ser humano possui fraqueza psicológica e não problemas mentais, por isso os problemas mais significativos da humanidade podem ser sanados pela ciência que está sempre em construção. Isso justifica a existência de diversas religiões e diversas culturas presentes em nosso meio. É a partir da necessidade de controle das “pulsões” do corpo que se deve a criação de regras pelas religiões e pela cultura que se mantém presentes até os dias de hoje e certamente continuarão existindo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANTUNES, Maria P. F. **O futuro de uma ilusão**. Revista da Faculdade de Educação Ano V nº 7/8 Jan./Dez, 2007.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**: Edição Bilingue. [S. l.], 2015. Disponível em: http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Sigmund_Freud_As_Pulsoes_e_seus_Destinos.pdf Acesso em: 27 set. 2021 as 14:45.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LIMA, Paulo Costa. Teoria da cultura na perspectiva criada pelo ensaio “o futuro de uma ilusão” de Freud. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 511-527, Set./Dez 2013.
- MACIEL, Karla D. de S. A.; ROCHA, Zeferino de J. B.. Dois discursos de Freud sobre a religião. **Rev. Mal-Estar Subj.** Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 729-754, set, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482008000300008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 22 dez. 2020 às 10:00.

MACIEL, Karla D. de S. A.; ROCHA, Zeferino de J. B.. Freud e a Religião: Possibilidades de Novas Leituras e Construções Teóricas. **Psicologia ciência e profissão**, 28 (4), p.742-753, 2008.

PEREIRA, Kylmer S. de C.; CHAVES, Wilson C.. Freud e a religião: a ilusão que conta uma verdade histórica. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 112-127, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382016000100008&lng=pt&nrm=iso Acessos em: 22 dez. 2020 as 09:35.